

## FEBRE DA CARRAÇA

### Introdução

As carrças são parasitas que se alimentam de sangue, não só do cão, mas também de outros mamíferos, incluindo o Homem. Constituem importantes agentes transmissores de doenças, sendo superados apenas pelos mosquitos na transmissão de zoonoses a nível mundial. A atividade das carrças está associada aos meses mais quentes do ano. Este período tende a ser cada vez mais prolongado, à medida que verificamos os efeitos do tão falado aquecimento global.

O termo “febre da carrça” designa a doença provocada por um ou vários microrganismos, que a carrça injeta no cão, enquanto se alimenta do seu sangue. Além de ficarem clinicamente doentes, os cães infetados também constituem reservatórios dos agentes infecciosos que provocam doença no Homem, conferindo relevância a este assunto no âmbito da Saúde Pública.

### Quais são os agentes da “febre da carrça”?

No nosso país, os agentes infecciosos transmitidos por carrças mais importantes como causa de doença no cão são de dois tipos:

- parasitas unicelulares (protozoários), que infetam os glóbulos vermelhos do sangue, e que pertencem ao género *Babesia* (*Babesia canis* e *Babesia gibsoni*);
- bactérias intracelulares obrigatórias, que podem infetar uma variedade diferente de células sanguíneas. O tipo de célula infetada define a espécie da bactéria e influencia o curso da doença. As bactérias desta classe mais importantes na região mediterrânea são a *Ehrlichia canis* e a *Rickettsia conorii*.

Embora os agentes enunciados provoquem doenças de gravidades diferentes, clinicamente não é fácil distingui-las.

### Como se processa a transmissão da doença?

Para que haja transmissão de qualquer destes microrganismos, é necessária a picada dum carrça. A principal espécie de carrça transmissora de doença na Europa é a carrça comum do cão (*Rhipicephalus sanguineus*). Trata-se dum parasita que tem como hospedeiros principais o cão e outros mamíferos de médio porte, mas que pode picar seres humanos. Estas carrças necessitam picar três hospedeiros para completar o seu ciclo de vida, ou seja:

- as larvas saem dos ovos e procuram um hospedeiro para se alimentar de sangue. Durante esta fase, as carrças são muito pequenas e são, popularmente, conhecidas pela designação de “chumbinhos”. Quando estão cheias de sangue, caem ao chão;
- no chão, mudam para a fase de ninfa e procuram um novo mamífero, no qual voltam a alimentar-se de sangue. Uma vez cheias, também as ninfas regressam ao chão;
- finalmente, a carrça atinge a fase adulta e procura mais um hospedeiro para se alimentar. Acasalam no hospedeiro e as fêmeas caem ao chão para pôr os ovos e concluir o ciclo de vida.

A carrça pode transmitir doença em qualquer fase do ciclo de vida, mas apenas as carrças infetadas com o (ou os) agente infeccioso nas glândulas salivares conseguem fazê-lo. Isto implica que tenham picado, anteriormente, um animal doente, uma vez que a maioria dos agentes da “febre da carrça” apenas consegue passar dum estado evolutivo para outro (de larva para ninfa ou de ninfa para adulto).

Quando uma carrapa pica um animal, injeta saliva com propriedades anticoagulantes, que lhe permite alimentar-se continuamente. É deste modo que os agentes infecciosos conseguem entrar na circulação dos animais hospedeiros.

### **Quais são os sintomas da “febre da carrapa” no cão?**

A “febre da carrapa” pode evoluir de modos muito diferentes e estão descritas formas agudas, subclínicas e crónicas da doença. Não existe uma predileção por idade nem sexo do cão e todas as raças podem ser afetadas. No entanto, está descrita uma maior suscetibilidade para algumas raças desenvolverem uma forma crónica mais grave, entre as quais se destaca o Pastor Alemão. A variabilidade da sintomatologia está associada a muitos fatores diferentes, incluindo a espécie do agente, a competência do sistema imunitário do animal e a existência de outras infeções em simultâneo (vários agentes de “febre da carrapa” ao mesmo tempo ou a presença de outras doenças, como a leishmaniose).

#### **- Fase aguda**

Tem uma duração de 1 a 4 semanas, com um período de incubação (entre a infeção e a apresentação dos primeiros sintomas) de 1 a 3 semanas. É frequente encontrar carrapas nos cães, durante esta fase.

Os sintomas são pouco específicos e incluem: febre (que confere o nome à doença), falta de apetite, perda de peso moderada, depressão, anemia e/ou aumento do tamanho dos gânglios linfáticos. Alguns pacientes apresentam tendência para hemorragias nasais e a formação de hematomas, de dimensão variável, na pele e mucosas (boca, órgãos genitais). Também podem ser observadas diversas alterações oculares (desde corrimento ocular a inflamação da íris, opacidade da córnea ou hemorragia no interior do globo ocular), bem como sintomatologia nervosa (convulsões, paralisias, alterações na locomoção).

#### **- Fase subclínica**

É observada após a resolução dos sintomas da fase anterior e pode prolongar-se entre 40 dias e vários anos. Durante esta fase, o paciente não apresenta sintomas, mas as análises sanguíneas ainda podem revelar alterações moderadas.

#### **- Fase crónica**

Ocorre apenas em animais cujo sistema imunitário não funciona completamente bem e é muito grave. Os animais com formas crónicas de “febre da carrapa” apresentam perda de peso crónica, fraqueza, depressão, febre, inchaço dos membros posteriores e palidez acentuada, que reflete uma anemia grave. Além da anemia, estes pacientes também têm contagens de glóbulos brancos muito baixas, o que os torna particularmente suscetíveis a contrair outras infeções. Muitos pacientes crónicos coxeiam, por apresentarem artrite em várias articulações.

### **Como se faz o diagnóstico da “febre da carrapa”?**

A suspeita da doença é baseada na sintomatologia apresentada pelo paciente, época do ano e história de infestação por carrapas. No entanto, o diagnóstico específico do agente (ou agentes) envolvido exige que sejam efetuadas análises ao sangue do cão, em laboratórios especializados. Para além da identificação do microrganismo, é importante em termos de terapêutica e acompanhamento da evolução do processo, que seja efetuado um hemograma (contagem das células do sangue).

## **Há tratamento?**

Sim. Os pacientes que são tratados durante a fase aguda da doença exibem, geralmente, melhoras 24 a 72 horas após iniciarem a medicação. O tratamento é feito com um antibiótico, prescrito pelo médico veterinário do seu cão. Alguns pacientes mais debilitados podem necessitar de terapêutica de suporte associada e, eventualmente, de uma transfusão sanguínea. De qualquer modo, o prognóstico é favorável para a generalidade dos cães durante a fase aguda. Por outro lado, o tratamento dos pacientes com formas crônicas de “febre da carraça” é, com frequência, desanimador e o prognóstico é grave.

## **Como posso prevenir a doença no meu cão?**

A melhor e mais eficaz maneira de prevenir esta doença consiste no controlo das carraças transmissoras. Existem no mercado vários produtos eficazes, na forma de coleira, pipeta *spot on* ou *spray*, que deverão ser utilizados de acordo com as instruções do fabricante, durante os meses de atividade das carraças (pelo menos, entre março e outubro). O controlo da infestação por carraças tem provado constituir uma forma eficaz de reduzir a incidência desta doença a nível mundial.

Desde há alguns anos, existe uma vacina contra *Babesia canis* (apenas um dos agentes responsáveis pela febre da carraça no cão). No entanto, a eficácia desta vacina parece estar limitada pela variação das estirpes do agente.

Também é possível que encontre literatura recomendando a administração de antibióticos em dose baixa, durante as estações quentes, nas áreas de maior incidência da doença. Este procedimento **não** é aconselhado pela maioria dos autores, porque poderá conduzir ao desenvolvimento de resistências, que prejudicarão o tratamento bem sucedido dos casos de doença.

## **E no Homem, a “febre da carraça” é perigosa?**

A “febre da carraça” é uma zoonose, ou seja, uma doença que atinge o Homem e os animais. Deste modo, se uma carraça infetada picar um ser humano, pode transmitir-lhe o agente. À semelhança do que acontece no cão, há vários microrganismos que podem provocar doença no Homem e a gravidade do processo depende do agente infeccioso envolvido. Alguns microrganismos são mais perigosos para o Homem que para o cão, mas o oposto também se verifica. O contacto com um cão doente não implica, necessariamente, um maior risco para os humanos. A carraça pode manter-se infetada e transmitir o agente durante 155 dias. Assim, uma pessoa que não tenha cães pode ser infetada ao ser picada por uma carraça adquirida enquanto pratica qualquer atividade ao ar livre. Os sintomas desta doença no Homem são paralelos aos que encontramos nos animais de companhia e incluem febres altas e a presença de manchas vermelhas na pele, bem como a marca da picada duma carraça. ©